



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO ACADÊMICO DE RECIFE

THAINÁ CAETANO DA SILVA

**A TEMÁTICA INDÍGENA NA GEOGRAFIA ESCOLAR E AS METODOLOGIAS
ATIVAS COMO FERRAMENTA PARA O PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM:
PERSPECTIVAS A PARTIR DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM
GEOGRAFIA - UFPE**

RECIFE

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE RECIFE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
GEOGRAFIA LICENCIATURA

THAINÁ CAETANO DA SILVA

**A TEMÁTICA INDÍGENA NA GEOGRAFIA ESCOLAR E AS METODOLOGIAS
ATIVAS COMO FERRAMENTA PARA O PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM:
PERSPECTIVAS A PARTIR DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM
GEOGRAFIA - UFPE**

TCC apresentado ao Curso de Geografia
Licenciatura da Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico de Recife,
como requisito para a obtenção do título de
docência em Geografia.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Priscylla
Karoline de Menezes

RECIFE

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Thainá Caetano da .

A temática indígena na geografia escolar e as metodologias ativas como ferramenta para o processo ensino/aprendizagem: perspectivas a partir do Programa de Residência Pedagógica em Geografia - UFPE / Thainá Caetano da Silva. - Recife, 2023.

31p. : il.

Orientador(a): Priscylla Karoline de Menezes

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia - Licenciatura, 2023.

Inclui referências, apêndices.

1. Questões indígenas. 2. Geografia. 3. Metodologias ativas. 4. Residência Pedagógica . I. Menezes, Priscylla Karoline de . (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

THAINÁ CAETANO DA SILVA

**A TEMÁTICA INDÍGENA NA GEOGRAFIA ESCOLAR E AS METODOLOGIAS
ATIVAS COMO FERRAMENTA PARA O PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM:
PERSPECTIVAS A PARTIR DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM
GEOGRAFIA - UFPE**

TCC apresentado ao Curso de Geografia
Licenciatura da Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico de Recife,
como requisito para a obtenção do título de
Professor(a) em Geografia.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **PRISCYLLA KAROLINE DE MENEZES**
Data: 27/09/2023 11:14:14-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Priscylla Karoline de Menezes (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Thais Lourdes Correia de Andrade (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^o Dr. Bruno Magnum Pereira (Examinador Externo)
Instituto Federal do Mato Grosso

Dedico este presente trabalho para todas as pessoas que me apoiaram durante toda a graduação, em especial aos meus avós, José Caetano da Silva e Maria das Dores Caetano da Silva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por me permitir cursar a graduação que tanto almejava em uma das universidades mais prestigiadas de Pernambuco.

Agradeço à Universidade Federal de Pernambuco por me dar a oportunidade de cursar plenamente a minha graduação.

Agradeço à Capes por me permitir ter contato com a realidade da docência e pelo apoio financeiro durante a vigência dos programas PIBID e Residência Pedagógica.

Agradeço à orientadora Prof.^a Dr.^a Priscylla Karoline de Menezes por me prestar todo apoio e compreensão ao longo da minha graduação.

Agradeço à minha família, principalmente meus avós, todo apoio e auxílio durante a graduação e também nos momentos de dificuldade.

Agradeço aos meus amigos por todo suporte e apoio ao longo desses quatro anos.

RESUMO

Este presente trabalho tem como objetivo a abordagem da temática indígena nas aulas de Geografia do ensino fundamental Anos Finais ao longo do ensino remoto e as metodologias ativas como ferramenta facilitadora no processo de aprendizagem. Elaborado a partir das vivências adquiridas ao longo do Programa de Residência Pedagógica de Geografia – UFPE e por meio de pesquisas bibliográficas, destaca-se metodologias para se trabalhar tal temática de modo lúdico, para que os alunos possam conhecer tais povos de forma mais profunda e ampla, desenvolvendo a criatividade e uma visão crítica das reais contribuições e das constantes lutas desses povos. A partir dessa perspectiva, pode-se afirmar que a utilização de metodologias lúdicas para a abordagem de temas que abrangem uma minoria da sociedade, contribuem de modo positivo, além de minimizar as deficiências geradas ao longo do ensino remoto.

Palavras-chave: metodologias ativas; ensino fundamental; indígenas; Residência Pedagógica; Geografia.

ABSTRACT

The objective of this present work is to approach the indigenous theme in Geography classes in Elementary School Final Years throughout remote teaching and active methodologies as a facilitating tool in the learning process. Elaborated from the experiences acquired during the Geography Pedagogical Residency Program - UFPE and through bibliographical research, methodologies are highlighted to work on this theme in a playful way, so that students can get to know these peoples in a deeper and more broad, developing creativity and a critical view of the real contributions and constant struggles of these peoples. From this perspective, it can be said that the use of playful methodologies to approach topics that cover a minority of society, contribute positively, in addition to minimizing the deficiencies generated during remote teaching.

Keywords: active methodologies; elementary School; indigenous; Pedagogical Residence; Geography.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA	13
3 REVISÃO LITERÁRIA	16
3.1 Povos Indígenas o Brasil e sua abordagem na Geografia escolar	16
3.2 Metodologias ativas no ensino remoto	20
3.3 Perspectivas a partir do Programa de Residência Pedagógica em Geografia - UFPE	23
4 CONCLUSÃO	26
REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

Desde a invasão portuguesa no Brasil em 1500, os povos indígenas enfrentam as mais variadas opressões e o preconceito em relação à suas culturas, tiveram seus territórios usurpados, suas florestas exploradas, suas crenças menosprezadas e suas línguas nativas excluídas dessa nova realidade e pouco a pouco diversos povoados sendo extintos, tudo isso para saciar a ganância de uma sociedade que se considerava superior.

Como esclarece Battestin, Bonatti e Quinto (2019, p. 14) “[...] é possível destacar que o interesse colonialista visava a conquista destas terras, impondo ideologicamente e violentamente outros modos de cultura, política e economia às comunidades indígenas”.

Esse processo de aculturação e pensamento colonialista contribuiu para a negligência da cultura indígena na atualidade, em que suas lutas pela preservação de seus direitos determinados pela Constituição de 1988 são banalizadas e registradas pela mídia de forma errônea e caricata, alimentando as raízes do preconceito e intolerância.

Visando a inserção do indígena na sociedade, decretos foram formalizados pela Constituição Federal de 1988, garantindo aos povos indígenas seus direitos básicos, como direito à terra, o acesso à saúde e à educação de qualidade e o direito de preservar suas culturas.

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

A Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, deixa claro a obrigação das instituições públicas de ensino, sejam eles públicos ou privados, o estudo acerca da história e cultura indígena, assim como a cultura afro-brasileira em todo âmbito do currículo escolar.

Como afirma Borges (2010, p. 76):

O sistema educacional brasileiro não contempla nossa herança cultural, formada a partir das heranças culturais europeias, indígenas e africanas. Os livros didáticos apresentam uma visão eurocêntrica da História de nosso país, perpetuando estereótipos e preconceitos.

Cabe à escola e ao professor incluir tal temática nas discussões em sala de aula, visando a valorização da cultura e da luta indígena, para que dessa forma os discentes possam ter um olhar diferente do que é propagado.

Segundo Printes (2014, p. 200):

A temática indígena traz possibilidades, entre inúmeras outras, de aplicar conceitos-chave da Geografia, como por exemplo, o território, um dos principais conceitos presente desde a formalização da Geografia como disciplina científica.

O Programa Institucional de Residência Pedagógica Geografia – RP UFPE/2020 foi de suma importância, para a realização das intervenções da temática indígena.

O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento do estágio curricular supervisionado nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso (PROGRAD-UFPE, 2022).

Sendo realizado no período de novembro de 2020 a maio de 2022, na Escola Municipal São Cristóvão, localizada na região metropolitana de Recife, nas turmas de ensino fundamental Anos Finais, com a coordenação da Prof.^a Dr.^a Priscylla Karoline de Menezes e da preceptora Prof.^a M^a Janiara Almeida Pinheiro Lima.

Em 2020, o Brasil e o mundo enfrentaram uma das maiores catástrofes de saúde que já existiu, a pandemia desencadeada pelo coronavírus SARS-Cov-2 que provocou a doença infecciosa altamente contagiosa COVID-19. Fazendo com que todos os estabelecimentos e instituições entrassem em um estado de quarentena sem previsão de término.

Considerando a Recomendação CNS nº 22, de 09 de abril de 2020, que recomenda medidas com vistas a garantir as condições sanitárias e de proteção social para fazer frente às necessidades emergenciais da população diante da pandemia da COVID-19, dentre as quais aquelas que possibilitam o afastamento social e que não permitam aglomerações de pessoas, como forma de diminuir a disseminação do coronavírus e evitar o colapso do Sistema de Saúde (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2020).

Neste novo cenário as instituições de ensino aderiram novas metodologias de ensino, tendo como base as aulas remotas. As mais diversas tecnologias foram cruciais para minimizar os prejuízos no âmbito educacional nesse novo panorama, plataformas como, *Google Meet* e *Classroom* foram as mais utilizadas, o que não foi diferente na Escola Municipal São Cristóvão.

Dentro dessa nova perspectiva, foram ressaltadas algumas das diversas problemáticas que a educação brasileira acomete. Além de evidenciar a falta de acesso às tecnologias necessárias para o ensino remoto, deixou explícito a dificuldade dos estudantes em interagir durante as aulas e a não fixação dos conteúdos apresentados.

Como destaca Moran (2007, p.09) "escolas não-conectadas são escolas incompletas" e os alunos que não possuem o acesso contínuo a tais redes e tecnologias são excluídos de uma parte de suma importância da aprendizagem.

Uma das alternativas para contornar tais problemáticas, foi a utilização das metodologias ativas, pois de acordo com Moran (2013, p. 01):

As organizações educacionais que nos mostram novos caminhos estão experimentando currículos mais flexíveis, mais centrados em que os alunos aprendam a integrar conhecimentos amplos, valores, projeto de vida através de problemas reais, desafios relevantes, jogos, atividades e leituras individuais e em grupo; presenciais e digitais.

As metodologias ativas possuem um papel fundamental para o processo de ensino/aprendizagem, pois são um dos meios que possibilitam o avanço para um conhecimento mais profundo, sobretudo nas competências socioemocionais e nas novas práticas (MORAN, 2018).

Nesse contexto, ao utilizar as metodologias ativas para desenvolver a temática indígena é de suma importância, para que os alunos possam compreender as reais contribuições dessa minoria no passado e no presente, conhecer a bagagem cultural que foram herdadas desses povos e entender a relação sustentável entre os povos indígenas e a natureza.

Por isso, levando em consideração a importância da temática indígena nas escolas para a construção de uma identidade cidadã, este presente trabalho tem como objetivo apresentar como tal tema pode ser trabalhado em sala de aula, visando a valorização da cultura e das lutas indígenas, destacando o reconhecimento desses povos como cidadãos brasileiros. Além, de destacar como as metodologias ativas podem contribuir para abordagem e aprendizagem de tal temática.

2 METODOLOGIA

Este presente trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisas bibliográficas da área de estudo, além de utilizar o que foi discutido e vivenciado ao longo do Programa de Residência Pedagógica de Geografia - UFPE.

Levando em consideração os obstáculos enfrentados pela educação brasileira pela ocorrência da pandemia do Covid-19, todas as aulas e intervenções foram realizadas de modo remoto, utilizando as plataformas do *Google Meet*, *Classroom* e *WhatsApp*. Tais ferramentas foram de suma importância para frequentar as aulas remotas e para acompanhar as atividades propostas.

As aulas eram divididas em três momentos, no primeiro momento a professora iniciava com alguns questionamentos para verificar os conhecimentos prévios dos alunos. No segundo momento a mesma dava início a exposição do conteúdo, com o auxílio de slides e de forma dialogada, para que os estudantes pudessem contribuir com suas perspectivas.

O último momento era reservado para uma atividade mais lúdica e dinâmica, para a revisão e fixação do conteúdo. Tais atividades consistiam em jogos produzidos a partir da plataforma *Wordwall* e personalizados de acordo com o conteúdo apresentado. As intervenções dos residentes seguiam o mesmo padrão, levando em consideração principalmente o último momento.

Como proposta metodológica deste presente trabalho, destaca-se um plano de aula, voltado para a produção de uma feira cultural, trabalhando de modo transversal ao conteúdo do contexto escolar. Pensado para o contexto presencial, mas podendo facilmente ser adaptado para o formato de ensino híbrido e remoto.

Esta atividade foi desenvolvida de forma teórica, pois o cenário pandêmico não permitiu que tal atividade fosse realizada. A feira cultural foi idealizada a partir de fontes e pesquisas bibliográficas e seu objetivo principal é trabalhar as questões étnico-raciais no Brasil, destacando suas reais contribuições no passado e no presente para a formação da nação brasileira, bem como suas pluralidades culturais e sociais.

A exposição cultura nomeada de “Pátria Amada Indígena”, foi elaborada para o ensino fundamental, com as turmas do 7º ano, levando em consideração o cenário pós pandemia e as habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

(EF07GE02) Analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Brasil, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas.

(EF07GE03) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades.

Tendo em vista os princípios das metodologias ativas, nessa atividade os alunos serão os protagonistas, em que terão autonomia para produzir a exposição. O professor deverá dar suporte e verificar os conteúdos das pesquisas para não haver divergências nas informações.

Para a realização da feira cultural, serão necessárias duas aulas, sendo divididas em quatro momentos. No primeiro momento o professor deverá introduzir o conteúdo de modo dinâmico, utilizando a plataforma online *Mentimeter* para verificar os conhecimentos prévios dos alunos a respeito da temática, solicitando aos mesmos, que adicionem as primeiras palavras que vem em suas cabeças quando se fala dos povos indígenas, para que desse modo se forme uma nuvem de palavras, que será exposto para a turma ao final da aula.

A partir desse primeiro contato, se dará início ao segundo momento, em que o professor questionará os discentes a respeito da figura do indígena no passado e como tais figuras são vistas na sociedade atual. Em seguida, no terceiro momento, o professor irá discutir o conteúdo de forma dialogada e com o auxílio de uma apresentação de slides.

Ao final da exposição da temática, se inicia a última etapa da aulas, em que a turma será dividida em grupos com temas distintos, como mostra o quadro abaixo.

Quadro 1: Divisão dos temas por grupos.

Turma	Tópicos trabalhados
Grupo 01	Os povos originários antes da chegada dos europeus.
Grupo 02	Os povos indígenas durante o processo de colonização.
Grupo 03	As contribuições dos povos indígenas na formação do território brasileiro.
Grupo 04	As lutas e conquistas atuais dos povos indígenas no Brasil.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Cada grupo terá a autonomia necessária para liderar as pesquisas, estabelecer os papéis de cada integrante, produções dos produtos que serão exibidos na exposição, assim como a ornamentação de cada estande.

O professor fará o papel de mediador, verificando a veracidade das informações apresentadas pelos grupos, assim como um guia para nortear as pesquisas.

Os grupos deverão expor seus resultados para todo o corpo docente assim como para a comunidade escolar. Ao final, será realizada uma pesquisa com os outros estudantes para obter um feedback sobre a exposição. Os resultados da pesquisa serão discutidos em sala de aula, avaliando as experiências, assim como, os conhecimentos adquiridos.

3 REVISÃO LITERÁRIA

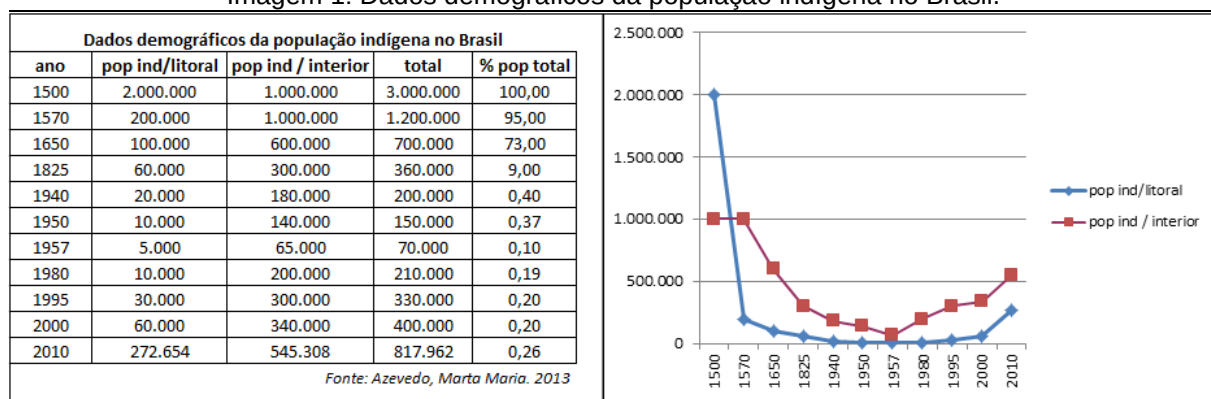
3.1 POVOS INDÍGENAS DO BRASIL E SUA ABORDAGEM NA GEOGRAFIA ESCOLAR

Desde a invasão portuguesa em 1500 diversos povos indígenas foram extintos e sua população foi diminuindo gradativamente ao longo dos anos, durante o período colonial ocorreu o extermínio de diversos grupos indígenas, de modo direto e indireto. Como afirma Guazzelli (2021):

O genocídio dos povos indígenas no Brasil existe desde os tempos da colonização portuguesa, com a implementação do cultivo da cana-de-açúcar na costa brasileira. Esse processo consistiu no extermínio das populações indígenas, tanto pelos conflitos violentos, quanto pelas doenças trazidas pelos europeus. Nos tempos atuais, esse genocídio persiste com o negligenciamento dos direitos das populações indígenas restantes no Brasil.

Observando os dados demográficos da população indígena brasileira, percebe-se que em 1500, a população total desses povos era de aproximadamente 3.000.000 de habitantes, que foi diminuindo de modo acelerado e em um curto período. A partir de 1570 até o ano 2000 essa quantidade continuou em declínio, mas de modo mais desacelerado. Apenas entre os anos de 2000 a 2010 a população indígena sofreu um aumento significativo (FUNAI, 2020).

Imagem 1: Dados demográficos da população indígena no Brasil.



Fonte: FUNAI

Vale ressaltar que, apesar dos povos originários já existirem neste território, apenas a partir de 1991 a população começou a se autodeclarar indígena no censo demográfico nacional (FUNAI, 2020).

De acordo com o censo do IBGE que foi realizado em 2010, a população brasileira é de 190.755.799 milhões de pessoas, sendo 817.963 mil considerados indígenas, representando cerca de 305 etnias diferentes (FUNAI, 2020). De acordo

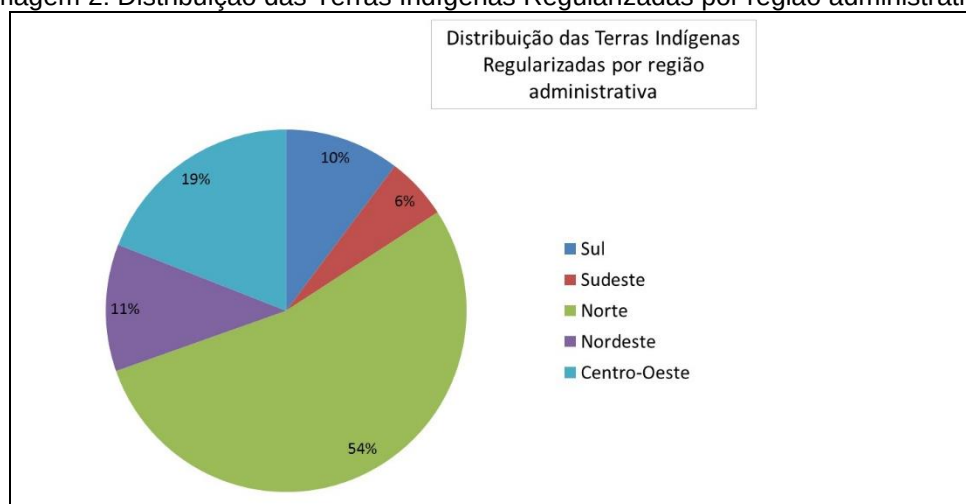
com Verdum (2009, p.93) essas populações indígenas possuem uma grande diversidade linguística com mais de 180 línguas, que são classificadas em 35 famílias linguísticas.

Tais populações estão distribuídas por todo território brasileiro, de acordo com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI):

Atualmente, constam 680 áreas nos registros da Funai, dentre as quais 443 áreas se tratam de locais cujos processos de demarcação se encontram homologados/regularizados e 237 locais se encontram sob análise. Essas áreas representam 13,75% do território brasileiro, estando localizadas em todos os biomas, sobretudo na Amazônia Legal.

Pode-se observar no gráfico abaixo que, a maior parte desses indivíduos se encontram na região norte do país, principalmente na área que compreende a Amazônia Legal. As regiões com mais áreas demarcadas registradas em 2002, são a Região Norte, com cerca de 175 áreas demarcadas e a Região Nordeste, com 42 áreas demarcadas (IBGE, 2002).

Imagem 2: Distribuição das Terras Indígenas Regularizadas por região administrativa.



Fonte: FUNAI

De acordo com a Lei nº 6.001, de 19 dezembro de 1973 art. 1º regula a situação jurídica dos índios ou silvícolas e das comunidades indígenas, com o propósito de preservar a sua cultura e integrá-los, progressiva e harmoniosamente, à comunhão nacional.

Destacam-se dois incisos, sendo eles:

Art. 2º, V - garantir aos índios a permanência voluntária no seu habitat, proporcionando-lhes ali recursos para seu desenvolvimento e progresso;
 Art. 2º, IX - garantir aos índios e comunidades indígenas, nos termos da Constituição, a posse permanente das terras que habitam, reconhecendo-lhes o direito ao usufruto exclusivo das riquezas naturais e de todas as utilidades naquelas terras existentes;

Tais incisos deixam claro a responsabilidade das instituições nacionais em garantir aos indígenas sua permanência em suas terras e que de acordo com a Constituição, deve ser garantido aos povos e comunidades indígenas a posse permanente das terras em que vivem e reconhecer o direito de usufruto.

Mesmo com tais direitos estabelecidos na Constituição de 1988, os povos indígenas sofrem de modo contínuo ameaças e estão inseridos em diversos conflitos com garimpeiros e fazendeiros, que invadem seus territórios, desmatando e contaminando os solos e rios em busca de lucro e benefícios privados.

Atualmente se vê com mais frequência a flexibilização da legislação, para favorecer os grandes proprietários, um exemplo é a Instrução Normativa N° 9, em que em um de seus incisos deixa claro que não cabe a FUNAI produzir os documentos que limitam a posse dos imóveis privados em relação a identificação e delimitação de terras ou reservas indígenas.

§2º. Não cabe à FUNAI produzir documentos que restrinjam a posse de imóveis privados em face de estudos de identificação e delimitação de terras indígenas ou constituição de reservas indígenas.

O Brasil sempre teve uma visão eurocêntrica quando se fala de diversidade étnica, um exemplo disso, é que pouco se relata sobre o papel dos indígenas para a formação da nação brasileira, os fatos mencionados são apenas conhecimentos básicos ligados aos estereótipos dos indígenas apresentados pela visão eurocêntrica (CAVALHEIRO; COSTA, 2012 p.2).

Tal fato também se reflete nos livros didáticos, quando se referem às questões indígenas, como destaca Cavalheiro e Costa (2012, p.3):

Muitas das análises acerca dos livros didáticos feitas atualmente, no que se refere às questões indígenas, apontam que existem muitas informações equivocadas, carregadas ainda de uma visão e etnocêntrica e preconceituosa sobre o assunto. Os estudos mais recentes sobre o assunto têm se dedicado ao tratamento mais adequado, porém esses conhecimentos, como os do campo antropológico, por exemplo, normalmente não são contemplados nas abordagens didáticas.

Grande parte dos livros didáticos que estão presentes na sala de aula generalizam a figura do indígena, o que facilita a afirmação dos mesmos “como se fossem um todo homogêneo, iguais entre si, fazendo parte apenas do passado” (SILVA; GRUPIONI, 1995. p. 11 *apud* CAVALHEIRO; COSTA, 2012, p. 4).

É preciso compreender que a escola e o professor não devem se limitar a buscar apenas a exercer a tolerância e contemplar as minorias que não estavam devidamente representadas ou sendo excluídas no currículo, uma das maiores

dificuldades da abordagem da temática indígena está no processo de conhecimento do próprio docente (SILVA, 2010, p.46).

Além disso, o modo como tal temática é desenvolvida em sala de aula impacta na forma em que o discente irá absorver, é importante trabalhar de modo dinâmico e lúdico para que o aluno interiorize tal conhecimento, e as metodologias ativas são um exemplo disso.

3.2 METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO REMOTO

A inclusão das metodologias ativas no ensino é algo que se vem discutindo a bastante tempo, mas que ganhou ainda mais destaque a partir do momento em que a educação brasileira entrou em um novo cenário, em que os profissionais de educação tiveram que se adaptar às novas tecnologias utilizadas no ensino remoto.

Devido a pandemia causada pelo coronavírus SARS-Cov-2, que desencadeou a doença altamente contagiosa Covid-19 em 2020, o Brasil e o mundo entraram em um estado alerta. Neste período, a educação brasileira foi inserida exclusivamente no contexto digital, cabendo agora a todas as instituições de ensino e aos profissionais de educação se reinventarem e se habituarem às novas ferramentas educacionais.

Considerando tal cenário, diversos departamentos foram temporariamente impedidos de funcionar, sendo eles, públicos e privados, desse modo, as reuniões virtuais ganharam força, e na educação não foi diferente.

Os alunos também tiveram que se realinhar as novas metodologias do ensino remoto, como a utilização do *Google Meet*, *Classroom* e *Zoom*. De acordo com a reportagem do site Brasil de Fato (2020), cerca de 46 milhões de brasileiros ainda não têm acesso à internet, isso ocorre por dois fatores principais, sendo eles, devido ao alto custo desse serviço e a falta de aparelhos eletrônicos, como celulares, computadores e tablets.

Dentro dessa perspectiva, é correto afirmar que a aprendizagem e socialização dos estudantes foram diretamente influenciados por tal realidade. Ao analisar as aulas, as atividades e as intervenções durante o Programa de Residência Pedagógica Geografia - UFPE, uma das maiores dificuldades a serem ultrapassadas foram justamente a ausência da participação ativa do aluno em sala de aula virtual e a fixação do conteúdo exposto.

Uma das alternativas que foi bastante explorada, foram as metodologias ativas, que passou a ser difundida como medida eficaz para solucionar problemas que comumente são encontrados no contexto escolar, pois entre seus pontos fortes pode-se destacar o estímulo da participação dos alunos a partir de atividades lúdicas, como os jogos e a partir das diversas situações vivenciadas pelos mesmos (MORAES, 2017, p. 80).

Tendo em vista sempre que, “o objetivo principal nessas circunstâncias não é recriar um novo modelo educacional, mas fornecer acesso temporário aos conteúdos

e apoios educacionais de uma maneira a minimizar os efeitos do isolamento social nesse processo” (JOYE et al. 2020, p.13 *apud* LEAL, 2020, p. 22).

As formas lúdicas que são bastante exploradas nas metodologias ativas contribuem para que todas as informações apresentadas durante as aulas síncronas sejam retidas e transformadas em aprendizado.

O modelo tradicional de educação no qual o professor é um único que detém todo o conhecimento, as atividades e avaliações não levam em consideração a singularidade de cada aluno e suas diferentes formas de pensar, faziam sentido apenas na época no qual o acesso as informações eram limitadas, porém com a evolução das tecnologias possibilitou o aprendizado de onde estiver, a qualquer hora (ALMEIDA; VALENTE, 2012 *apud* MORAS, 2015, p.16).

Como destaca Moran (2015, p.17):

Apesar de tantas deficiências e problemas estruturais, está acontecendo uma busca de alternativas de setores educacionais importantes, públicos e privados. Esse movimento se intensificará muito proximamente, porque as crianças não aceitam um modelo vertical, autoritário e uniforme de aprender.

Os princípios que constituem as metodologias ativas de ensino, são voltadas para o aluno, em que ele é o centro do ensino e da aprendizagem, ao mesmo tempo em que se torna protagonista, exercendo suas habilidades individuais e em equipe, tendo como o professor o papel de mediador, facilitador e motivador da aprendizagem.

Imagem 3: Princípios que constituem as metodologias ativas de ensino



Fonte: DIESEL et al. 2016

Tal método foi defendido por Dewey (*apud* DIESEL et al. 2016, p.272) em que destaca, “a aprendizagem ocorre pela ação, colocando o estudante no centro dos processos de ensino e de aprendizagem”. Atualmente se tem uma gama de tecnologias voltadas para a educação, então o professor deve explorar todas as ferramentas que estão a seu alcance.

Tendo em vista que as metodologias ativas não são apenas ferramentas que utilização tecnologias, mas sim um conjunto de métodos que facilitam a absorção dos conteúdos, pode-se citar por exemplo, a sala de aula invertida, aprendizado por problemas, discussões, dentre outros.

3.3 VIVÊNCIAS DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM GEOGRAFIA - UFPE

Levando em consideração a nova perspectiva do ensino brasileiro, o Programa de Residência Pedagógica em Geografia - UFPE (RP), acompanhou tais mudanças. Todas as aulas e intervenções ocorreram de modo remoto e com a supervisão da preceptora Prof.^a M^a Janiara Almeida Pinheiro Lima e coordenação da Prof.^a Dr.^a Priscylla Karoline de Menezes.

As intervenções e acompanhamentos foram realizados na Escola Municipal São Cristóvão, localizada no bairro Brejo da Guabiraba, região metropolitana de Recife. As aulas de Geografia foram ministradas pela Prof.^a M^a Janiara Almeida Pinheiro Lima, nas turmas de 6º e 7º ano do ensino fundamental Anos Finais.

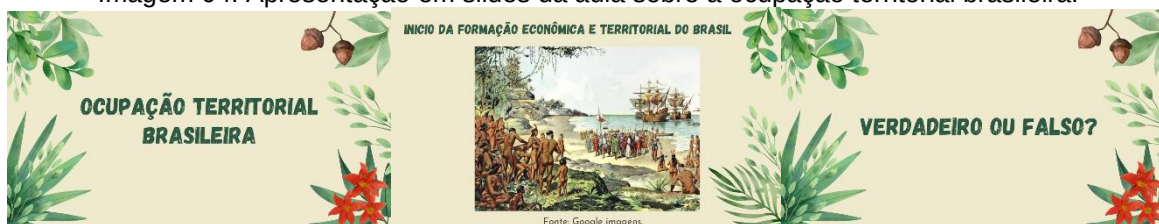
As ferramentas utilizadas durante as aulas foram o *Google Meet* para o encontro síncrono dos alunos e professores, o *WhatsApp* para o compartilhamento das informações e materiais das aulas, o *Canva* para a produção de slides lúdicos e o *Wordwall* para o desenvolvimento de atividades de fixação a partir de jogos.

Outro método bastante utilizado nas explorações dos conteúdos em sala de aula virtual, foram as exposições dialogadas. Em que, ao mesmo tempo que apresenta a temática das aulas para o aluno, deixava o estudante livre para explorar seus conhecimentos prévios a respeito do tema.

Em uma das intervenções realizadas em conjunto, abordou-se a temática da ocupação territorial brasileira, na turma de 7º ano. Nessa aula foi exposto o modo que os colonizadores modificaram as vidas dos povos originários, abordando questões como cultura, aculturação, endocultura e a diversidade dos povos indígenas no período colonial.

Ao final da intervenção foi proposto aos alunos um *quiz* com questões de verdadeiro e falso. Nessa dinâmica, houve a participação ativa de grande parte dos alunos que estavam presente na sala de aula virtual, atingindo o objetivo principal da atividade, a interação da turma com os residentes.

Imagem 04: Apresentação em slides da aula sobre a ocupação territorial brasileira.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Durante o Programa de Residência Pedagógica, foram desenvolvidos diversos projetos e oficinas voltadas não apenas para o contexto escolar, mas também para compartilhar vivências e experiências com outros discentes, sendo eles, residentes e pibidianos, os quais fazem parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid).

Dentre os mais diversos projetos, destaca-se a elaboração da oficina “A questão indígena no ensino de Geografia”, criado e ministrado em conjunto, com outros residentes.

Nesta oficina, foram abordados a importância das questões indígenas no contexto escolar e a utilização das metodologias ativas, sobretudo, a gamificação. Além de mostrar na prática como utilizar a plataforma do *Wordwall* nas criações de jogos e dinâmicas para a sala de aula, voltadas tanto para o contexto remoto, quanto para o presencial.

Para o desenvolvimento da oficina foi necessário a utilização do *Google Meet* e ferramentas como o *Canva* e o *Mentimeter* para permitir que o público participasse de forma ativa durante a apresentação.

Imagem 05: Apresentação da oficina “A questão indígena no ensino de Geografia”.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Durante as intervenções foi possível notar a dificuldade em manter os alunos focados e motivados, por isso a ludicidade foi um dos recursos mais explorados para o ensino. Levando tal fato em consideração, a equipe viu a necessidade de explorar ainda mais ambas as temáticas. Ao mesmo tempo, em que levanta discussões a respeito de uma minoria, também traz soluções práticas para a abordagem no ensino e mesmo havendo um número inferior de espectadores em comparação a outras temáticas, a oficina teve resultados satisfatórios.

Dentre os diversos métodos e possibilidades das metodologias ativas, a gamificação foi utilizada como uma das bases dos projetos e nas aulas de Geografia desenvolvidas ao longo do RP.

Como Fardo (2013, p.2) destaca, a gamificação é basicamente a utilização de alguns elementos comuns encontrados nos games, (o sistema de feedback, tentativa e erro, diversão, interatividade, cooperação, competição, dentre outros) com o objetivo de obter dos alunos o mesmo nível de envolvimento e motivação dos jogadores.

Tal metodologia se tornou fundamental para se trabalhar o lúdico nas intervenções, principalmente considerando a realidade do ensino remoto. Segundo Luckesi (2005, *apud* SOUSA e MOURA, 2021, p.4-5) “a principal característica da ludicidade é a plenitude da experiência, ou seja, é a partir da prática das atividades lúdicas que o indivíduo sentirá satisfação em aprender”.

O professor necessitou adaptar-se rapidamente para o novo formato de ensino explorando principalmente a oralidade e novos meios de atrair os alunos para as aulas, fazendo o uso das tecnologias que estavam ao seu alcance. Nessa perspectiva, a criação de jogos educativos de fixação adaptados e editáveis, foram indispensáveis para o processo de aprendizagem ao longo do ensino remoto.

4 CONCLUSÃO

Sempre foi um desafio fazer com que o aluno pensasse de modo crítico, em relação aos mais diversos temas, inclusive com a temática indígena, que sempre foi abordada de modo fantasioso e sendo cada vez mais banalizado. Por isso, as diferentes formas de se trabalhar em sala de aula com os alunos a partir das metodologias ativas, foi de suma importância.

Considerando os aspectos teóricos e práticos, ao longo do Programa Residência Pedagógica de Geografia - UFPE, deixou ainda mais nítido as fragilidades do sistema público de ensino, assim como intensificou ainda mais tais deficiências durante o ensino remoto.

Tal experiência foi fundamental, para vivenciar de modo prático o que foi desenvolvido ao longo da graduação. A Geografia é uma área de ensino que está em constante interdisciplinaridade, trabalhando com diversas outras áreas de conhecimento, sendo assim, o professor deve estar disposto a se reinventar e trabalhar de modo criativo, levando sempre em consideração a realidade e a pluralidade de cada aluno.

Ao compreender as debilidades deixadas pelo ensino remoto, possibilitou uma nova interpretação do processo de ensino, a utilização de metodologias e ferramentas lúdicas contribuem de modo positivo o desenvolvimento do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- GUAZZELLI, Mariana. **Genocídio indígena: entenda os riscos e preocupações que a população nativa do Brasil enfrenta**. Humanista, 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2021/09/24/genocidio-indigena-entenda-os-riscos-e-preocupacoes-que-a-populacao-nativa-do-brasil-enfrenta/>. Acesso em: 05 out. 2021.
- BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Penso Editora, 2018. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=TTY7DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT21&dq=Metodologias+ativas+para+uma+educa%C3%A7%C3%A3o+inovadora:+uma+abordagem+te%C3%B3rico-pr%C3%A1tica.+&ots=oh3VaLwEsr&sig=8P-1pUeELVSkND8fMdk7WvgwMQA#v=onepage&q=Metodologias%20ativas%20para%20uma%20educa%C3%A7%C3%A3o%20inovadora%3A%20uma%20abordagem%20te%C3%B3rico-pr%C3%A1tica.&f=false>. Acesso em: 05 set. 2021
- BICALHO, Poliene Soares dos Santos. **Protagonismo indígena no Brasil: movimento, cidadania e direitos (1970-2009)**. 2010. 464 f., il. Tese (Doutorado em História)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- BARBOSA, Bárbara Gabrielly Silva. *et al.* A questão indígena do povo Xukuru como cenário para discussões sobre os conceitos de território e lugar no contexto da Residência Pedagógica em Geografia - UFPE. **E-book**. No prelo.
- BORGES, Elizabeth Maria de Fátima. A Inclusão da História e da Cultura Afro-brasileira e Indígena nos Currículos da Educação Básica. **R. Mest. Hist.**, Vassouras, v. 12, n. 1, p. 71-84, jan./jun., 2010. Disponível em: https://www2.olimpiadadehistoria.com.br/vw/1IN8I5YjrMDY_MDA_606d5_/05A_Inclusaodahistoriaculturaafro.pdf. Acesso em: 10 out 2022.
- BASTOS, Raquel Figueira. **A abordagem multicultural no Ensino de Geografia: feira cultural como prática no processo de ensino-aprendizagem**. Anais do Encontro Regional de Ensino de Geografia, p. 150-162, 2018.
- BATTESTIN, Cláudia; BONATTI, Jailson; QUINTO, Jeanice Rufino. A colonização e resistência dos povos originários da América Latina. **Revista Fórum Identidades**. Itabaiana - SE, v. 30, n. 01, p. 13-27, jul/dez. 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/13495/10442>. Acesso em: 20 set. 2022.
- BNCC. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 05 set. 2021.
- BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília [2008]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 10 out. 2022.

BRASIL. **Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973.** Estatuto do Índio. Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília [1973]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%206.001%2C%20DE%2019,sobre%20o%20Estatuto%20do%20%C3%8Dndio.&text=Art.,e%20harmoniosamente%2C%20%C3%A0%20comunh%C3%A3o%20nacional. Acesso em: 15 ago. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). Recomendação nº 036, de 11 de maio de 2020. In: CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). **Recomendações.** [Brasil]: Conselho Nacional de Saúde, 2020. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1163-recomendac-a-o-n-036-de-11-de-maio-de-2020>. Acesso em: 15 ago. 2022.

CORREIO BRAZILIENSE. **Visão do Correio: Garimpeiros não desistem.** In: CORREIO BRAZILIENSE. Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opinia0/2022/10/5044479-visao-do-correio-garimpeiros-nao-desistem.html>. Acesso em: 20 nov. 2022

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, Pelotas, v. 14, n. 1, p. 268–288, 2017. DOI: 10.15536/thema.14.2017.268-288.404. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/404>. Acesso em: 8 nov. 2022.

DUTRA, Maria Elena Aquino; SOUZA, Ilma Regina Castro Saramago de. Educação Escolar Indígena: uma análise da representação social do indígena na atualidade frente o olhar do homem branco nos livros didáticos. **Revista Uniaraguaia**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://sipe.uniaraaguaia.edu.br/index.php/REVISTAUNIARAGUAIA/article/view/976>. Acesso em: 15 ago. 2022.

FARDO, Marcelo Luis. A gamificação aplicada em ambientes de aprendizagem. **RENOTE**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, 2013. DOI: 10.22456/1679-1916.41629. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/41629>. Acesso em: 15 ago. 2022.

FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGEANAS (Brasil). Povos indígenas. In: FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS (Brasil). **Quem são.** [Brasil]: Fundação Nacional dos Povos Indígenas, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas/quem-sao>. Acesso em: 15 ago. 2022.

FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGEANAS (Brasil). Terra indígena: o que é?. In: FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS (Brasil). **Demarcação.** [Brasil]: Fundação Nacional dos Povos Indígenas, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/terras-indigenas/demarcacao-de-terras-indigenas>. Acesso em: 15 ago. 2022.

GABAS, Angélica dos Reis. O estudo das lutas, resistências e desafios enfrentados pelos povos indígenas na atualidade: aplicando a Lei nº 11.645/08 na Geografia no

Ensino Médio. **Revista SURES**, n. 9, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/649/525>. Acesso em: 05 jan. 2022.

GOV.BR. Diário Oficial da União. *In*: GOV.BR. **Instrução Normativa nº 9, de 16 de abril de 2020**. [Brasil]: Gov.br, 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/instrucao-normativa-n-9-de-16-de-abril-de-2020-253343033>. Acesso em: 16 ago. 2022.

GUIMARÃES, Francisco Alfredo Moraes. A temática indígena na escola: onde está o espelho?. **Revista Fórum Identidades**, Sergipe, ano 2, v. 3, p. 57-65, jan.-jun., 2008. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1744>. Acesso em: 05 jan. 2022.

GUTERRES, Raquel da Silva. **A importância do lúdico no processo de aprendizagem**. 2010. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). Brasil 500 anos. *In*: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). **Território brasileiro e povoamento**. [Brasil]: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2002. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/historia-indigena/terras-indigenas.html#:~:text=A%20maior%20parte%20das%20terras,constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20rodovias%20e%20hidrel%C3%A9tricas>. Acesso em: 15 ago. 2022.

MANUAL PARA FEIRAS CULTURAIS. **Sistema de Ensino Interativo**, s.d. Disponível em: <https://sistemainterativo.com.br/manual-para-feiras-culturais/#:~:text=Tente%20organizar%20a%20Feira%20Cultural,realiza%C3%A7%C3%A3o%20desse%20tipo%20de%20evento>. Acesso em: 11 out. 2022.

MORAES, Jerusa Vilhena de. O papel das metodologias ativas no processo de alfabetização científica em geografia. **Percursos de Formação Docente e Práticas na Educação Básica**, Belo Horizonte, ed. 1, v. 80, p. 80-97, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Roberto-Valadao/publication/324798242_Conhecimentos_da_Geografia_percursos_de_formacao_docente_e_praticas_na_Educacao_Basica/links/5ae30b5c0f7e9b28594a44e9/Conhecimentos-da-Geografia-percursos-de-formacao-docente-e-praticas-na-Educacao-Basica.pdf#page=97. Acesso em: 11 out. 2022.

MORAES, Jerusa Vilhena de; CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Metodologias ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 17, n. 2, p. 422-436, 2018. Disponível em: http://reec.webs.uvigo.es/volumenes/volumen17/REEC_17_2_07_ex1324.pdf. Acesso em: 05 jan. 2022.

MORAN, José. O impacto do híbrido na escola, a partir de agora. **E-book: Ferramentas digitais para personalização do aprendizado?**, cap. 5, p. 28-48,

2021. Entrevista concedida ao Portal Porvir. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2021/08/impacto_hibrido_moran.pdf. Acesso em: 10 out 2022.

MORAN, José. **Metodologias ativas para realizar transformações progressivas e profundas no currículo**. 2017. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/transformacoes.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, p. 02-25, 2018. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf. Acesso em: 15 ago. 2022.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Papirus Editora, 2007. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=PiZe8ahPcD8C&oi=fnd&pg=PA7&dq=A+educa%C3%A7%C3%A3o+que+desejamos:+novos+desafios+e+como+chegar+l%C3%A1.+&ots=Br50o7_KKA&sig=5UvyAqpnw52Ul6SIX-5ucWlegFM#v=onepage&q=A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20que%20desejamos%3A%20novos%20desafios%20e%20como%20chegar%20l%C3%A1.&f=false. Acesso em: 15 ago. 2022.

OLIVEIRA, Valéria; FERNANDES, Vanessa. Conflito armado entre garimpeiros e indígenas deixa feridos na Terra Yanomami. **G1**, Boa Vista, 10 de mai. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/05/10/conflito-armado-entre-garimpeiros-e-indigenas-deixa-feridos-na-terra-yanomami.ghtml>. Acesso em: 05 nov. 2022.

PEDROSA, Neide Borges et al. Abordagens da temática indígena nas escolas públicas. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 5., 2018. Campina Grande: Realize Editora, **Anais eletrônicos** [...] Campina Grande, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/46216>. Acesso em: 08 out. 2022.

PRINTES, Rafaela Biehl. Presença indígena nos livros didáticos de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 4, n. 8, p. 195-220, 2014. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/247>. Acesso em: 05 jan. 2022.

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO - UFPE. **Residência Pedagógica**. In: PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO - UFPE, Recife, s.d. Disponível em: <https://www.ufpe.br/prograd/residencia-pedagogica#:~:text=O%20Programa%20de%20Resid%C3%A2ncia%20Pedag%C3%B3gica,partir%20da%20segunda%20metade%20de>. Acesso em: 05 jan. 2022.

RAQUEL, Martha. Quem são as pessoas que não têm acesso à internet no Brasil?. **Brasil de Fato**, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/10/quem-sao-as-pessoas-que-nao-tem-acesso-a-internet-no-brasil>. Acesso em: 16 ago. 2022.

SANTOS, Vânia Maria Nunes dos; JACOBI, Pedro Roberto. Formação de professores e cidadania: projetos escolares no estudo do ambiente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, p. 263-278, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/kFqtPyVd9dpFhWCvHhz58hj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 nov. 2022.

SILVA, Maria da Penha da. A temática indígena no currículo escolar à luz da Lei 11.645/2008. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 17, n. 2, 2010. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/233148399.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2022.

SOUSA, Francisco Vando Pacheco de; MOURA, Andréa Sales Braga. O lúdico como instrumento metodológico no ensino remoto. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 4, p. 1-10, 2021.

SOUZA, Samir Cristino de; DOURADO, Luiz Gonzaga Pereira. Aprendizagem baseada em problemas (ABP): um método de aprendizagem inovador para o ensino educativo. **Holos**, [S. l.], v. 5, p. 182–200, 2015. DOI: 10.15628/holos.2015.2880. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2880>. Acesso em: 8 out. 2022.

SPAGNA, Julia Di. Alguns motivos para trabalhar a temática indígena nas escolas. **EcoDebate**. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2021/04/19/alguns-motivos-para-trabalhar-a-tematica-indigena-nas-escolas/>. Data de acesso: 10 jan. 2023.

TSU, Nestor Mendonça. Indígenas no Brasil. **Instituto Claro**, 2016. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/para-ensinar/planos-de-aula/indigenas-no-brasil/>. Acesso em: 16 ago. 2022.

VERDUM, Ricardo. **Povos Indígenas no Brasil: o desafio da autonomia. Povos indígenas: constituições e reformas políticas na América Latina**. Brasília, DF: Instituto de Estudos Socioeconômicos, p. 91-112, 2009. Disponível em: https://perso.unifr.ch/derechopenal/assets/files/obrasportales/op_20090918_01.pdf#page=91. Acesso em: 15 ago. 2022.

VISÃO do Correio: garimpeiros não desistem. **Correio Brasiliense**, 15 out. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniaio/2022/10/5044479-visao-do-correio-garimpeiros-nao-desistem.html>. Acesso em: 05 nov. 2022.